

# Renamo lança <sup>Exm.</sup> 6/8/88

## ofensiva em jornais norte-americanos

OS REBELDES da Renamo tiveram esta semana uma experiência que lhes era desconhecida há muito tempo: publicidade positiva em três das mais prestigiadas publicações dos Estados Unidos, o "New York Times", o "Washington Post" e a revista "Newsweek". E os norte-americanos conservadores que apoiam os rebeldes moçambicanos estão a tentar aproveitar a súbita atenção dos "media" para tentar obter do Congresso e da Administração um pacote de ajuda para a Renamo.

Apesar de o Departamento de Estado se ter recusado a falar sobre os artigos publicados e a responder a comentários por

eles suscitados, fontes fidedignas de Washington garantiram, no entanto, ao EXPRESSO que a política dos EUA para com a Renamo e para com o Governo de Joaquim Chissano se mantêm inalteradas.

A causa imediata da publicidade conseguida pela Renamo foi uma visita de três redactores e um fotógrafo norte-americanos às suas bases no interior de Moçambique. Os quatro partiram de Joanesburgo, num avião pago por Harry Shultz — do grupo conservador "Freedom Incorporated", sediado em Washington — e visitaram uma base perto da Gorongosa, nas proximidades do corredor da Beira (província de Sofala).

Para John Battersby, o enviado do "New York Times", a Renamo "parece contar com bastante apoio da população local e ter levado as táticas de guerrilha rural a um ponto tal que a reconstrução do país, assolado pela guerra, será impossível sem a sua colaboração". O movimento, que tem insistido na existência desse apoio popular, afirma, contudo, não estar disposto a negociar com o Governo da Frelimo. Segundo os apoiantes da Renamo em Washington, o comentário de Battersby constitui um argumento independente favorável aos pontos de vista que defendem.

Embora os três jornalistas tenham sublinhado que a afirmação da Renamo de que controla 85 por cento do território moçambicano é muito exagerada, Battersby escreveu que "os rebeldes parecem movimentar-se livremente em mais de um terço do país, tornando aquilo a que chamam zonas libertadas uma realidade prática".

Os três enviados salientaram que a viagem fora programada para contrabalançar os efeitos do relatório difundido em Abril pelo Departamento de Estado, acusando a Renamo do assassinio de 100 mil civis. E todos eles sublinharam que a Renamo fora criada por oficiais brancos dos serviços secretos rodesianos para combater os nacionalistas negros, tendo depois sido apoiada pelo regime sul-africano.

### Computadores, cerveja e vinho

Há, contudo, três outros aspectos das reportagens que agradaram aos apoiantes da Renamo em Washington. Durante os três dias que passaram na base, os jornalistas viram mensagens dos líderes da guerrilha, enviadas via rádio por computador, o que parece refutar as afirmações de que os insurrectos são bandidos indisciplinados e mal organizados.

Nun televisor accionado por um pequeno gerador, viram filmes "videos" mostrando acções das tropas da Renamo. Beberam cerveja do Malawi e vinho sul-africano, o que implica uma

sofisticada operação de abastecimento. Assistiram a danças tradicionais. E, sobretudo, conseguiram entrevistar o líder da Renamo, Afonso Dhlakama, facto que observadores interpretam como refutando as afirmações do Departamento de Estado de que a direcção dos rebeldes é inexistente ou, pelo menos se encontra na sombra e dividida.

Dhlakama admitiu haver "muitas dificuldades" com os líderes do movimento no exterior, enredados numa série de deserções e assassinios. Disse estar a tentar normalizar a situação e adiantou poder viajar para o estrangeiro em qualquer altura em que haja uma oportunidade. No entanto, o Departamento de Estado avisou-o de que, se for aos Estados Unidos para participar numa campanha de angariação de fundos, sugerida pelos seus apoiantes norte-americanos, será preso e talvez deportado para Maputo. "Sentimo-nos traídos pelo Presidente Reagan", declarou Dhlakama.

### Novos ataques a Cabora Bassa

Entre outros comentários, o líder da Renamo reafirmou: "Se fôssemos apenas um grupo de bandidos, há muito que teríamos sido apanhados e entregues ao Governo." Dhlakama disse que o seu movimento tinha 7 mil membros, dos quais 2 mil se encontram nas cidades, alguns deles infiltrados na polícia secreta moçambicana.

Segundo Dhlakama, vão recommençar os ataques a Cabora Bassa, que, dentro em breve, será defendida por tropas sul-africanas. Por outro lado, o objectivo da Renamo será "não vencer a guerra militarmente mas forçar o Governo da Frelimo a aceitar as suas condições", o que, no entender do líder da guerrilha, significa democracia.

Tom Schaff, do "Centro de Investigação de Moçambique", o principal grupo de apoio à Renamo nos EUA, disse ao EXPRESSO que os artigos publicados esta semana pelos três órgãos de informação "devem ter feito Chester Crocker (o secretário de Estado-adjunto para os Assuntos Africanos) engasgar-se. Representam um sério embaraço para o Departamento de Estado que, durante sete anos, se recusou a investigar a guerra pelo lado da Renamo. E mostram que Crocker foi criminosamente negligente."

Schaff acrescentou que os artigos tinham provocado a reacção favorável de alguns congressistas que, adiantou, poderão ajudar a que se chegue a conversações que conduzam à reconciliação em Moçambique. "Pelo menos, é razoável esperar que esses artigos originem perguntas sobre a política norte-americana", disse.

Tony Jenkins  
em Nova York